

O bezerro maldito

→ **Classificação:** Lendas e Mitos

→ **Assunto:** Relato de encontro de crianças com um bezerro, a meio da noite, e da maldição que recaiu sobre o homem que o viu.

→ **Região:**

- **Distrito:** Porto
- **Concelho:** Póvoa de Varzim
- **Localidade:** Póvoa de Varzim
-

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Ti Desterra
- **Data de nascimento:**
- **Residência:** Póvoa de Varzim

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** José Barbieri
- **Data de Recolha:** 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:06:16

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Ana Sofia Paiva
- **Data de Transcrição:** Dezembro 2011
- **Palavras:** 1.219

O bezerro maldito

[...] o que é que os anos se passaram. Isto, sem mentir, uns sessenta anos. Sessenta anos atrás. A minha mãe ia na aldeia e era Verão. E as lojas, antes, fechavam à meia-noite. As mercearias fechavam à meia-noite. E nós tínhamos ali... Na Rua Patrão Sérgio, havia duas mercearias. E a minha mãe chegou, o meu pai disse assim:

- Isolina, não temos petróleo que dê para a noite. -o meu pai não queria que ninguém ficasse às escuras em casa; ficava o candeeiro todo em *registo*.

E a minha mãe disse:

- Carago, estavas à espera que eu chegasse para ir buscar o petróleo?

O meu pai disse:

- Eu não tinha dinheiro.

- Ó, mandavas buscar, que depois eu pagava!

Mas prontos, o meu pai não gostava de buscar nada fiado. Nem de mandar os filhos, nem nós íamos, que tínhamos vergonha! A minha mãe disse:

- Ó João! -o meu irmão, que é três anos mais velho do que eu. -Ó João, vai num instante ali, antes que feche, à Senhora Dores! -chamava-se a senhora, chamava-se Maria das Dores, -... À Senhora Dores, buscar meio quartilho de petróleo.

O rapaz, cheio de medo... Disse:

- Terrinha, anda comigo...

- Oh, não posso andar, tenho aqui isto ferido... -estava ferida dum pé.

- Anda, que eu levo-te às canichas¹! -Naquela idade eu tinha que ir às canichas dele. -Oh, mas eu...

¹ Às cavalitas.

Mas, com pena do meu irmão... Que ele não podia dizer não, que nós não podíamos dizer não ao meu pai. E foi o meu pai que mandou, a gente não podia dizer não, não podia dizer que tinha medo! E então sempre fui com o meu irmão, não é? Fui.

Uma minha sobrinha que é da minha idade (tenho uma minha sobrinha que é da minha idade, diferença de três meses uma da outra), também tinha ido à loja buscar pinhas. Para acender o lume, que não havia pinhas. A mãe também ia fazer o comer, àquela hora que chegou junto com a minha mãe. O nosso, de comer, estava mais ou menos feito; o da minha irmã não estava, que era casada. E a cachopa vinha a correr e o meu irmão disse assim:

- Lina! -ela chama-se Isolina. -Lina, espera aí por nós!

- Oh! A minha mãe está à espera das pinhas!

- Espera por nós, senão dou-te dois cachaços! -o meu irmão para ela, que era mais velho.

E el[a] ficou, assim... Diz o meu irmão:

- Não corras! Olha, está o bezerro na ilha!

Olhe, palavra que o meu irmão foi dizer aquilo, ai senhora...

A ilha, à entrada, era muito escuro. E depois, ao meio da ilha, tinha uma luzinha de azeite, que aquilo mal se via, mas havia uma luzinha. Quando nós fomos, quem ficou a namorar ao postigo? A minha irmã, com um namoro que já... Já estava pedida em casamento, já faltava um mês ou dois para se casar. E estava a namorar. Como estava muito *anortada*², o meu pai disse assim:

- Ó Cristina!

- Diga, pai.

² Distraída, alheada.

- Manda o rapaz entrar para o lado de dentro. -porque ele estava do lado de fora e ela estava do lado de dentro. -Manda o rapaz entrar para o lado de dentro, está muito frio.

Ele era filho do compadre do meu pai e assim, mas prontos, há sempre aquele respeito: lá por ser filho fosse de quem fosse, não vinha para dentro de casa! O rapaz entrou para dentro de casa e fechou a porta. Ainda bem, que se fossemos só nós, crianças, toda a gente dizia que nós estávamos todos tolos, com então que tínhamos medo, não é? Chegámos à primeira porta (a nossa era a sexta). Chegámos à primeira porta e o meu irmão disse:

- Mãe! Abra a porta, mãe!

Quem abriu a porta? O desgraçado que estava a namorar com a minha irmã. Ao mesmo tempo que ele abre a porta, o bezerro ia a passar. E ele caiu redondamente – diz que caiu redondamente no chão, que eu não vi.

Agora, a nossa parte! Eu sentia patas no chão mas eu não via nada. Sentia aquilo: pimba, pimba... Ainda vinha de bem longe da ilha e eu já sentia patas no chão. E fui eu que disse ao meu irmão:

- Ai, João! Ai João, que vem aí um boi!

Mas eu não via boi nenhum! Não via nada! Sei que era: pimba, pimba... E eu, que, como ia para a aldeia, conhecia os animais, não é? Ó, senhor... Em antes daquilo chegar à nossa beira, fosse, senhor, o que fosse... Eu por acaso vi: que era um bezerro preto e branco, era um tourinho. Era um semelhante redemoinho de vento de volta de nós que o meu irmão pegou-me em mim aqui pelo pescoço, pescoço da minha sobrinha e juntámo-nos todos três abraçados. Todos três abraçados! Era um redemoinho tão grande, tão grande, tão grande no meio de nós... Mas olhe: nem virámos petróleo, nem a outra deixou cair as pinhas. Amarrámo-nos de uma certa maneira...

Eu sei, quando vim a mim, que estava debaixo da mesa do meu pai! Eu vim... debaixo da mesa do meu pai. O meu cunhado no chão, esticado. O meu pai a botar-lhe fumo do cigarro pelo nariz, a ver se ele acordava. Veio logo uma minha tia que morava porta com porta, que se ouvia tudo de uma casa para a outra:

- O que foi, o que foi?

A minha mãe:

- Ai, foi a minha Terrinha... -a minha mãe muito se afligia comigo. -Foi a minha Terrinha, foi mais a canalha! Filha da puta do bezerro! -por este mundo, por aquele e assim e assado...

O senhor pode pensar que é mentira mas isso é verdade. A minha irmã casou com esse rapaz. E tiveram três filhos; quatro filhos. Mas ele morreu com 33 anos. Ele nunca mais teve uma hora de saúde. De que foi disso, ele nunca mais teve uma hora de saúde – ou o tombo que ele desse que o afectasse dentro: naquele tempo não havia, como hoje, máquinas para se descrever as coisas nem nada! Ele, quando morreu, a minha irmã ficou com uma criança de 20 dias nos braços e com mais três filhos pequeninos. Era um homem... Parece que estou a ver o meu cunhado: era um rapaz alto, ruço... Prontos, um moço bonito e alto! A minha irmã também era muito bonita. E eu gostava muito dele, sabe porquê? Porque ele contava muitas histórias. E eu adorava por ele contar as histórias, estava sempre de volta dele. Porque ele era muito engraçado a contar as coisas, era muito engraçado.

E olhe, e isso foi passado ainda há sessenta anos atrás. Se dissesse assim: fomos nós, as crianças, que vimos e tivemos medo porque já ouvimos a história... Depois o meu pai perguntou-lhe a ele o que é que foi. E ele disse:

- Eu ia a abrir a porta... -também já sabia da história, não é? Vê o boi a passar por ali; ali não havia casas de lavradores que o boi viesse por ali abaixo!

Diz que era um bezerro pequeno: eu vi que era pequeno. Era um bezerro pequeno, mas era um bezerro!